



## **Jornalismo Científico: perspectivas e análises na sociedade brasileira<sup>1</sup>**

Amy Loren Santos Cunha<sup>2</sup>  
Maycon Rangel Abreu Ferreira<sup>3</sup>  
Rogério Costa<sup>4</sup>

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA

### **Resumo**

O Jornalismo Científico ao longo da história veio se desenvolvendo juntamente com a Ciência e a Tecnologia, a partir da possibilidade de impressão. Neste contexto, consideramos a importância da divulgação científica como instrumento para o exercício pleno da cidadania bem como para a democratização do conhecimento. Em vista disso, tomamos para fim de análise qualitativa a contribuição da mídia para o debate social acerca da CT&I na sociedade brasileira sob a perspectiva da atuação social cidadã e suas conseqüências sobre a população.

**Palavras-chave:** jornalismo científico; divulgação científica; cidadania.

### **Introdução**

As temáticas abordadas na sociedade são frequentemente pautadas pela mídia. Nesse sentido, o Jornalismo possui um papel relevante no debate social. E, no que diz respeito ao exercício da cidadania, o Jornalismo Científico exerce papel crucial ao servir como instrumento de mediação entre os pólos de produção e recepção de conhecimento. Logo, o cidadão que compreende o reflexo em sua vida do que é produzido no âmbito científico e tecnológico, toma posse de instrumentos essenciais para fazendo valer a Teoria do *agenda setting* (agendamento).

No entanto, muitos aspectos importantes para a coletividade são deixados em segundo plano, entre eles, a função pedagógica da mídia, a contextualização da informação no cotidiano da sociedade, a adoção de linguagem adequada, bem como de uma postura crítica em relação à notícia.

Em vista de tais observações, consideramos relevante a compreensão do

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFMA, email: [amylorensc@hotmail.com](mailto:amylorensc@hotmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFMA, email: [rangelmaycon1989@hotmail.com](mailto:rangelmaycon1989@hotmail.com)

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor Mestre do Curso de Comunicação Social da UFMA, email: [radialistarogeriocosta@gmail.com](mailto:radialistarogeriocosta@gmail.com)



desenvolvimento do Jornalismo Científico para o Brasil como um todo. Acreditamos, desta maneira, se poderá traçar soluções eficazes para um exercício jornalístico responsável, estando cientes de seus impedimentos.

Por conseguinte, com as mudanças no perfil social e advento de novas tecnologias, torna-se cada vez mais necessário priorizar o Jornalismo Científico, como um mecanismo de informação e inclusão. Assim, busca-se compreender o papel que essa vertente exerce no conhecimento da população associado ao exercício da cidadania, além das iniciativas existentes nos meios de comunicação.

Temas relacionados à Ciência e à Tecnologia vem tendo sua influência potencializada em várias esferas de atuação humana, situação que os leva a ocupar com progressiva frequência e particular destaque o âmbito dos discursos mediáticos (BELDA, 2002, p.122).

Em primeira instância, para uma compreensão da conjuntura atual do Jornalismo Científico na sociedade, retomamos seu percurso histórico desde o seu surgimento até sua “empreitada” na América do Sul e Brasil.

Logo após, propomos, por meio de uma revisão teórica, um esclarecimento das definições presentes na área. Através dos conceitos propostos por diversos autores buscamos compreender do que trata a Ciência, a Tecnologia e a Inovação, bem como sua relação com a comunicação.

Em seguida, partimos para uma comparação do Jornalismo Científico paralelamente ao desenvolvimento de C&T em nível nacional e regional, onde pretendemos traçar um diagnóstico acerca dos principais impedimentos que envolvem a sua prática. O trabalho visa, ainda, revelar vantagens que a união entre mídia e ciência possibilita, de modo a contribuir para o exercício de um Jornalismo voltado aos anseios da sociedade e ao seu real papel de (in)formar.

Em síntese, este trabalho é uma proposta de reflexão acerca dos caminhos trilhados pelo Jornalismo e das transformações que ele necessita em meio a um contexto precário de difusão científica.

## **Um breve histórico do Jornalismo**

A imprensa só surgiu no Brasil em 1808, com a chegada da família real portuguesa, o que explica o nosso atraso quanto à divulgação da ciência. A pesquisa



científica no Brasil era incipiente até o século XIX, momento em que a comunidade científica começa a se organizar.

A partir de meados da década de 1940, a ciência brasileira entra na pauta do governo e da sociedade, sob a influência da Segunda Guerra Mundial e dos avanços tecnológicos demonstrados pelos Aliados. Em 1948, foi criada a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), entidade que reúne as sociedades científicas do país.

Em 1951, é fundado o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), reconhecido como a principal agência de fomento à ciência no país, e somente em 1985, cria-se o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT).

Durante o regime militar, houve um grande desenvolvimento da ciência, o que se observa com as conquistas tecnológicas e a fundação de institutos e universidades. Atualmente, o Brasil vive um lento processo de reconhecimento do papel do jornalismo científico e investe cerca de 1% do Produto Interno Bruto em C&T, o que o coloca em uma posição privilegiada em relação aos países da América do Sul, mas ainda atrás dos países desenvolvidos, que investem cerca de 2% a 3% do PIB, além de contar com significativa participação da iniciativa privada.

### **O que é Disseminação Científica, Divulgação Científica e Jornalismo Científico**

Muitos autores têm versado sobre os diversos significados atribuídos aos termos relacionados à ciência e comunicação, ou, podemos dizer ainda, à compreensão pública da ciência. Antes, porém, é necessário que se tome como base determinados conceitos sobre o que é Ciência, Tecnologia e Inovação. Para tanto, consideremos tais conceitos segundo Martínez (1998).

Para o autor, o conceito de Ciência remete a organização sistemática dos conhecimentos sobre natureza, sociedade e pensamento. Contudo, a Ciência não é livre de normas, valores ou questões sociais, pois é gerada dentro de contextos histórico-sociais que lhe inculcem tais elementos. Assim, a Ciência não é exclusiva do processo de distribuição de bens e serviços, no entanto, isto se dá somente de forma indireta e imediata.

Diretamente relacionada a este processo, a Tecnologia é, segundo o autor, um conjunto de conhecimentos técnicos os quais possibilitam a produção e distribuição de bens e serviços.



Já a Inovação concerne à introdução de algo novo no que diz respeito a um produto, processo ou organização (do tipo organizativa, ou seja, no âmbito das empresas).

Tomamos o arcabouço conceitual de Martínez como base por ser um conceito amplo e por nos possibilitar um melhor entendimento acerca do que envolve o Jornalismo Científico. Porém, vários são os autores que definem estes conceitos, tais como Solla Price, Woolgar e Bunge, e também sob perspectivas históricas, filosóficas e sociológicas. No entanto, assim como não há um consenso entre os autores sobre uma definição conceitual do que é ciência e tecnologia, não há unanimidade em relação aos conceitos de disseminação científica, divulgação científica e jornalismo científico.

Para Calvo Hernando (2006) “a disseminação científica é a transmissão, por parte do investigador, de informações científicas e tecnológicas para seus pares ou especialistas no mesmo setor da ciência, em linguagem”. Assim, a disseminação científica é direcionada a um público restrito e específico.

A Divulgação Científica, segundo ele, “nasce no momento em que a comunicação de um feito científico deixa de estar reservada exclusivamente aos próprios membros da comunidade investigadora ou às minorias que detêm o poder, a cultura ou a economia” (idem). Neste caso, Divulgação Científica se destina a um grupo amplo e heterogêneo quanto aos conhecimentos sobre ciência, como explica o autor. Portanto a comunicação é feita de maneira a “traduzir” a linguagem técnica para uma linguagem simplificada que possa ser compreendida pelo público amplo.

Epstein (2002) trata o assunto em duas instâncias: a comunicação primária, ou disseminação, e a comunicação secundária, ou divulgação. Para o autor, a comunicação primária ocorre num contexto interpares, enquanto a secundária acontece entre os cientistas e o grande público.

Bueno (1984) apresenta os conceitos de Divulgação Científica e Disseminação Científica incorporados ao de Difusão Científica. Deste modo a Difusão Científica diz respeito aos modos de comunicar ciência ocorrendo em dois níveis: para um público específico (Disseminação Científica) ou para o grande público (Divulgação Científica).

Segundo o autor a disseminação divide-se ainda em dois níveis: a disseminação intrapares (direcionada a especialistas de uma mesma área) e a extrapares (destinada a especialistas de áreas distintas do conhecimento).

Quanto à Divulgação Científica, esta se refere às diversas maneiras, inclusive recursos, de veiculação de informação científica ao público em geral. O Jornalismo



Científico, para Bueno, se caracteriza como um segmento da Divulgação Científica no qual ocorre a formação de um outro discurso, a partir do discurso científico e, ainda, no contexto jornalístico.

De acordo com Reis, o Jornalismo Científico, exerce por meio dos recursos jornalísticos, além da transmissão de informações e conhecimento científico, o papel de formador e informador, à medida que conscientiza sobre a sua cada vez mais enfática implicância social.

Apesar da diversidade de concepções sobre as questões relativas à taxonomia empregada para definir os conceitos referentes a relação entre ciência e comunicação podemos perceber uma certa linearidade no que concerne à Divulgação Científica, e, especialmente, ao Jornalismo Científico que nos direciona ao conceito geral expresso por Alberguini (2007): “Divulgação, para o público não especializado, de assuntos ligados a CT&I nos meios de comunicação, por meio de notícias, reportagens, entrevistas ou artigos”.

Diante desta variedade de observações podemos concluir que a Ciência se refere à produção sistemática de conhecimentos, seja sobre ciências naturais, seja sobre ciências sociais e humanas. Em vista disso, temos que o Jornalismo Científico é uma forma de divulgar ciência que corresponde à construção de um discurso mediador entre o cientista e o público não especializado. Este discurso, por sua vez, mescla os discursos jornalístico e científico, fazendo uso de uma linguagem simplificada visando melhor compreensão da informação.

### **A Importância do Jornalismo Científico para a Sociedade**

Nesta parte do trabalho trataremos das características comportamentais do Jornalismo Científico identificados ao longo da consulta bibliográfica levantada, apresentando as funções do Jornalismo Científico e sua importância para a sociedade, bem como as barreiras que impedem a prática responsável de um jornalismo voltado para a compreensão pública da ciência.

As variadas funções que o Jornalismo Científico assume diante da sociedade vem sendo cada vez mais consideradas por pesquisadores justamente pelo alcance e participação da mídia no cotidiano da população. A hipótese do *agenda-setting* expressa bem este fenômeno ao afirmar que as discussões levantadas no âmbito social têm relação direta com a pauta corrente na mídia. Esta hipótese se apóia na idéia de que o



público dá atenção ou ignora as discussões em detrimento da transmissão de informações pelos meios de comunicação, como grifa Wolf (2003, p.143).

As pessoas tendem a incluir ou excluir dos próprios conhecimentos o que a mídia inclui ou exclui do próprio conteúdo. Além disso, o público tende a conferir ao que ele inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos meios de comunicação de massa aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas (SHAW, 1979, p.96).

É neste contexto que vários autores enfatizam funções do jornalismo tais como a educativa, a de formar e informar, a de criticar e a de emancipar através do conhecimento, entre outros.

Calvo Hernando (2004), enfatiza a importância da comunicação para a educação e sua real influência, ainda que não se tenha esta função como fim, e que não seja positiva. Ele afirma que antes mesmo da pessoa ingressar no ensino formal ela é afetada pela ação formativa da mídia que dissemina determinadas visões de mundo. Esta ação formativa possui relação com a educação também pela sua diferenciação metodológica do ensino formal, pois está inserida no cotidiano social e define seus debates, como frisado anteriormente, além de atingir também a pessoas que não se encontram inseridas no contexto do ensino formal.

Nesse sentido, Alberguni (2002, p.29) indica que “atualmente, as transformações que estão ocorrendo na sociedade exigem um repensar sobre as formas de organização social, de aquisição de informações e de construção do conhecimento”.

Faz-se necessário, portanto, estar ciente da forma como se dá o Jornalismo Científico em sua realidade, a fim de que o indivíduo tome consciência de sua atuação social e da implicância da C&T na sua vida. Assim, o posicionamento de Marques de Melo (1982) ratifica a observação de Alberguni ao indicar que nos países subdesenvolvidos, a tarefa principal do jornalismo é educar as grandes massas para que possam assumir o seu papel de sujeito da história. Isso significa acesso ao conhecimento, participação política e mobilização social.

O Jornalismo Científico, segundo Pineda, exerce papel informativo e formativo. A informação, nesse caso, corresponde ao conhecimento de C&T de uma maneira geral, porém sem a compreensão das mesmas. Já a formação diz respeito à geração de novos conhecimentos surgidos a partir da crítica, da interpretação e da apreensão “re-significada” das informações.

Para Bueno, a divulgação científica através dos meios de comunicação de



massa contribui para a democratização do conhecimento de maneira a ampliar o debate sobre temas relevantes de C&T. Segundo o autor (1984), há seis funções para o Jornalismo Científico, sendo estes: o informativo, educativo, social, cultural, econômico e político-ideológico.

Nesta perspectiva, temos que<sup>5</sup>:

- 1) A função informativa remete à prática intrínseca do jornalismo de informar.
- 2) A função educativa considera que os jornalistas devem pensar a mídia como a única via de obtenção de informações sobre C&T para algumas pessoas, ou seja, o profissional é responsável por “informar, formar e conscientizar” sobre a implicância das questões relativas à C&T.
- 3) A função social corresponde ao caráter mediador exercido pelo jornalista entre Cientistas e a sociedade, bem como a discussão sobre os impactos da C&T na sociedade.
- 4) A função cultural concerne à postura crítica adotada pelo público em relação ao que foi divulgado.
- 5) A função econômica trata da relação entre desenvolvimento e divulgação científica e o setor produtivo.
- 6) A função político-ideológica refere-se ao compromisso do jornalista com a sociedade, de maneira que ele não venha a favorecer interesses privados em detrimento dos direitos do cidadão.

Graça Caldas frisa a implicância que o conhecimento possui para o exercício pleno da cidadania, e a participação que este, por sua vez, possui no debate sobre questões relevantes sobre políticas de ciência e tecnologia. Para ela, a mídia exerce um papel de emancipação, devendo compor-se de maneira crítica mediante as notícias a publicar. Deve ainda questionar a ciência assim como outros campos são questionados.

É preciso abrir um amplo debate nacional como ocorre em outras áreas para que a opinião pública possa examinar e entender, em que medida os cientistas devem ser ou não os únicos a decidir sobre a política científica do país, principalmente em temas polêmicos como transgênicos, clonagem, energia nuclear, cujos riscos afetam diretamente a vida das pessoas (CALDAS, 2004, p.70).

Outros elementos importantes que a autora defende são o comportamento social impelido pelo saber e a alfabetização científica através da vulgarização do saber.

---

<sup>5</sup> Grifo baseado em apontamentos de Alberguini (2007, p.69).



Diante de tais posicionamentos, identificamos que o Jornalismo Científico atualmente dá-se de maneira a refletir a conjuntura social, econômica e política do país. No Brasil, frente às limitações sociais, e em meio a um contexto político e econômico repleto de falhas, observamos o potencial de emancipação que a posse do conhecimento pode prover. No entanto, os meios de comunicação em nosso país ainda são profundamente marcados pela dominação grupos concentrados que possuem interesses divergentes dos demandados pela sociedade.

Em face de tais problemas o Jornalismo Científico se revela como um elemento precursor da compreensão e crítica às consequências da CT&I sobre a sociedade, de maneira a elucidar de forma contextualizada tais discussões. O indivíduo, ao compreender a implicância desses processos na sua vida e assumir uma postura crítica, toma posse da sua condição de cidadão e ator social. Assim, torna-se apto a participar, opinar e agir em relação às questões sociais que o cerceia, além de não ficar à mercê de escusas pretensões de grupos de interesse.

Fazer jornalismo científico consiste em possibilitar o diálogo (leia-se interdisciplinaridade) entre os ramos do conhecimento, a fim de gerar uma visão mais ampla da realidade. E é neste aspecto da vida do indivíduo que o Jornalismo Científico configura sua função pedagógica, ao incentivar a opinião pública a se dar de maneira ativa, e não passiva.

### **Desafios do Jornalismo Científico no Brasil**

Sem dúvida hoje em dia, muito mais do que em outras épocas, o Jornalismo Científico ganha cada vez mais reconhecimento. Isto se deve essencialmente ao modo como as questões relativas à C&T inserem-se dia a dia no nosso contexto social. Em vista disso, a relação entre comunicação e C&T revela mazelas, à medida que reflete as falhas e limitações da sociedade brasileira. Tais problemas figuram um quadro de impedimentos ao exercício jornalístico responsável e ético por parte dos jornalistas e empresas de comunicação.

O Jornalismo deve atingir a coletividade, através de uma linguagem acessível e adequada a todos os níveis sociais e econômicos. Nesse sentido, trabalhar com a ciência nos meios de comunicação de massa se revela um verdadeiro desafio, visto que a pesquisa científica utiliza vários jargões de difícil compreensão por parte do grande público.



Assim, o papel do Jornalismo Científico, mais do que informar a sociedade, é criar um panorama das transformações sociais, buscando alertar para os problemas que nos rodeiam e apresentar de maneira crítica alternativas de resolução, que podem ser adotadas. Contudo, especialmente no Brasil, país em que a TV é o meio de comunicação predominante, percebe-se um espaço restrito para a divulgação científica e, sobretudo, a contextualização desses conteúdos, mantendo o público distante desses avanços e com uma percepção parcial dos fatos.

O início da produção e veiculação de programas específicos de Divulgação Científica na televisão brasileira data do final dos anos 70, ou seja, o despertar para a ciência no *mass media* é recente, o que suscita um repensar dos elementos da comunicação.

A origem das pesquisas veiculadas pela mídia representam um elemento para análise de tais limitações. De acordo com levantamentos feitos por Alberguini e Coelho&Landim, foi verificado que, diferente da década de 80 em que a divulgação científica era de origem estrangeira em sua maioria, a produção científica estabelecida no Brasil atualmente permite que as notícias tenham por base, em quantidade significativa, pesquisas nacionais.

Este embasamento nacional, entretanto, corresponde quase que exclusivamente aos conhecimentos científicos produzidos na Região Sul e Sudeste. Isto reflete a precariedade de incentivo à pesquisa existentes nas outras regiões, ou mesmo a pouca atenção dada à produção científica originárias destes locais. Nesse sentido, Coelho & Landim (2008) apontam que “A Divulgação Científica está ligada ao processo de produção da C&T, pois ela trabalha a serviço da sociedade e ainda legitima a produção tecnocientífica.”

Além do aspecto geográfico, verifica-se também que grande parte das matérias baseiam-se em pesquisas feitas por institutos públicos, seguidas de pesquisas feitas por Universidades, e há ainda outras fontes, porém são menos expressivas, como Instituições Internacionais e Parcerias Público-privadas. Observa-se, no entanto, a existência de muitas matérias que não mencionam as fontes, reduzindo, assim, a credibilidade das informações.

Não se observa divulgação da produção científica de outras regiões que não Sul e Sudeste. Este dado, revela o descaso do governo e até mesmo de instituições privadas ao não incentivar as pesquisas regionais e locais nos outros estados.

Quanto aos assuntos abordados identifica-se a predominância de conhecimentos técnicos e científicos nas áreas de exatas e da saúde. Além destes observa-se a presença de assuntos relacionados à tecnologia, meio-ambiente, pesquisa,



eventos e inovações. Neste contexto, como aponta Alberguini (2007), a transformação da ciência em notícia se dá por meio da seleção baseada em critérios de noticiabilidade, o caráter sensacionalista e espetacular da matéria indicados por estudiosos e o papel pedagógico das matérias sobre CT&I nos telejornais (mas que também podem ser aplicados a outras mídias).

Outro relevante ponto de análise é a linguagem empregada para a construção do discurso no âmbito do Jornalismo Científico. Muitos cientistas temem que a informação científica ao ser traduzida, seja distorcida. Paralelamente, a informação que possui alguma forma de distorção ou problemas no processo de comunicação, corre o risco de cair em descrédito e afastar o interesse dos cientistas para a divulgação. Esta discussão diz respeito ao relacionamento entre jornalistas e cientista, e suas características intrínsecas e agregadas.

A relação entre cientistas e jornalistas, amplamente explorada nos Congressos de Jornalismo Científico, continua tensa, talvez tornada ainda mais conflituosa pela incidência de interesses extra-científicos, que se localizam tanto na produção da ciência e da tecnologia como na produção das notícias. A decodificação do discurso científico pelo público leigo ainda é um obstáculo a ser vencido, particularmente nos países emergentes em que o analfabetismo científico se aprofunda, dada a velocidade com que novos fatos, conceitos e processos são trazidos à tona, notadamente em determinadas áreas, como a genética humana, a astrofísica, as ciências da computação, as telecomunicações e a segurança alimentar, para só citar os 5 exemplos mais contundentes (BUENO, 2000).

Diante deste cenário, percebe-se a importância da qualificação do profissional. Nos últimos anos, a formação de Jornalistas Científicos vem ganhando atenção por parte das Universidades, porém é ainda muito concentrada nas regiões Sul/Suldeste.

No entanto, para além da qualificação, outros agentes se apresentam como dificultadores do Jornalismo Científico responsável. A mídia, muitas vezes condicionada por poderes políticos ou comerciais, ou até mesmo pelas limitações financeiras, acaba sendo permeada pela restrição ou controle das informações, servindo a interesses particulares, em detrimento do compromisso com a sociedade. A divulgação é ainda afetada pelas falhas consequentes do imediatismo da notícia e da corrida em busca da exclusividade.

As questões científicas concernentes às comerciais se mostram também como uma ameaça aos ideais perseguidos pelo Jornalismo Científico ao privilegiar a ciência enquanto mercadoria. Com isto, a informação corre o risco de dar prioridade à



propaganda pondo em dúvida a credibilidade da divulgação.

Por fim, Bueno destaca ainda quatro outras tendências presentes na indústria da comunicação: a segmentação/especialização, a parceria informação/marketing, a relação cada vez mais tensa entre ciência e outros saberes e a biologização do social.

A primeira delas chama atenção para a crescente segmentação da mídia que se volta para especialidades e a multiplicação de newsletters endereçadas para públicos cada vez mais específicos.

A segmentação excessiva contribui para a fragmentação do conhecimento porque, quase sempre, privilegia o detalhe em detrimento do processo e, por um viés filosófico/ideológico, decorrente da ânsia de consumo da informação, impede que a opinião pública o compreenda por completo (BUENO,2000).

A segunda critica a parceria entre os setores de comunicação e propaganda, vista por ele como um fenômeno pernicioso ao exercício jornalístico por desviar a cobertura de sua verdadeira função.

A terceira diz respeito à tensão estabelecida entre a ciência e outros saberes, como o religioso e outros situados fora do universo da ciência.

A preocupação com esta escalada contrária à ciência tem sentido, sobretudo quando se observa que, em muitos países, e o Brasil é um exemplo flagrante disso, os meios de comunicação vêm sendo gradativamente, numa proporção surpreendente, apropriados por grupos religiosos, muitos deles com princípios e práticas que se mostram resistentes ao uso da razão. Pode-se antever, com esta concentração da mídia por religiões, seitas ou crenças, que a divulgação científica, mantido este confronto entre ciência e religião, possa encontrar barreiras intransponíveis num futuro próximo (idem).

Por fim, a quarta tendência tem a ver com a crescente importância da biotecnologia e suas aplicações. O tratamento dado ao assunto pela mídia assume uma postura errônea ao apelar para o sensacionalismo, “dando vazão a noticiário sem qualquer sentido, abrigando pesquisas e teses despropositadas (idem)”.

Como citado anteriormente, vários são os fatores que convergem para as limitações da Divulgação Científica na sociedade brasileira.

### **Considerações Finais**

Diante das mudanças no perfil social, com o advento de novas tecnologias, o



cenário midiático ainda carece de mecanismos para a divulgação dos avanços científicos e tecnológicos, mantendo o público distante de conhecimentos fundamentais para uma vida cidadã e práticas saudáveis.

Uma das principais funções do jornalista científico é decifrar para o público as informações produzidas e codificadas em jargões científicos, sem, no entanto, ser simplista. Para tanto, é fundamental desenvolver uma consciência crítica e saber filtrar as informações relevantes ao seu público-alvo.

De acordo com Bueno (2001, p. 169):

As relações entre ciência/tecnologia e sociedade, permeadas por uma rede complexa de interesses e compromissos, exigem uma nova postura do jornalismo científico, agora, mais do que nunca, comprometido com uma perspectiva crítica do processo de produção e divulgação em ciência e tecnologia.

Faz-se necessário, portanto, a busca pela conscientização a fim de consolidar a competência informativa dos profissionais de comunicação, munindo-se de coragem e espírito crítico para enfrentá-los (BUENO, 2000).

Assim como ressalta Oliveira (2005, p. 14):

O jornalismo científico de qualidade deve demonstrar que fazer C&T é, acima de tudo, atividade estritamente humana, com implicações diretas nas atividades sócio-econômicas e políticas de um país. Portanto, do mais alto interesse para o jornalista e para a sociedade.

Portanto, a fim de construirmos novos paradigmas sociais e humanos, precisa-se destacar a importância do Jornalismo Científico como agente facilitador na construção da cidadania.



## Referências bibliográficas

ALBERGUINI, Audre Cristina. **A Ciência nos Telejornais Brasileiros**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2007. 300p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007.

BUENO, Wilson da Costa. **Os novos desafios do Jornalismo Científico**. 2000. Comunicação apresentada ao 7. Congresso Iberoamericano de Jornalismo Científico, Buenos Aires, 2000.

\_\_\_\_\_. **O que está faltando ao Jornalismo Científico brasileiro?**. Disponível em: [http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo\\_cientifico/artigo25.htm](http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_cientifico/artigo25.htm). Acesso em: 1 abr. 2009.

PINHEIRO, Mary Sandra Landim; COELHO, Karliane Sousa; ALBUQUERQUE, Andreza Dantas. **Para compreender a Comunicação Pública da Ciência**: algumas leituras. 2008. Trabalho apresentado ao 31. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Natal, RN, 2008.

\_\_\_\_\_. **Ciência na rede**: a experiência regional. 2008. Trabalho apresentado ao 31. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Natal, RN, 2008.

SANTOS, Katiana Araújo dos et al. **Ciência e Tecnologia na mídia impressa paraibana**. 2008. Trabalho apresentado ao 10., Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, São Luís, 2008.